

Os jovens e seus desafios no mercado de trabalho

Leila Luiza Gonzaga*

* Especialista em Economia e Gestão das Relações de Trabalho pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); graduada em Ciências Sociais pela Fundação Santo André (FSA); analista de mercado de trabalho da Fundação Seade.
leilagonzaga@seade.gov.br.

Resumo

Neste texto são apresentadas informações sobre os jovens, de 16 a 29 anos de idade, no mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo, divididos em subgrupos, de modo a identificar situações diferenciadas, principalmente entre aqueles com menos idade — em geral estudantes, ocupados ou à procura de trabalho — e os com mais idade, a maioria já integrada a esse mercado. Foram utilizados os principais indicadores da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), da Fundação Seade e do Dieese, no biênio 2007-2008, observando-se, para os mais jovens, taxas de desemprego extremamente elevadas e inserção mais fragilizada, com grande proporção em postos de trabalho sem carteira assinada. Esta situação tende a melhorar, dentro do grupo estudado, para aqueles de faixas etárias mais elevadas, com melhores níveis de escolaridade e que fazem parte de famílias com melhor condição socioeconômica.

Palavras-chave: Jovem. Mercado de Trabalho. Desemprego. Ocupação. Rendimento.

Abstract

This paper presents information about youngsters aged 16 to 29 in the labor market of the Metropolitan Area of São Paulo. The data is broken down so as to distinguish between the youngest, mainly students, employed or unemployed, and the eldest, many of whom are already included in the labor market. The data source is PED, a survey on employment and unemployment carried out monthly by Fundação Seade and Dieese. The aggregated 2007-2008 indicators for the youngest group show extremely high unemployment rates and weak links to the labor market, with high proportions of wage earners not formally hired. The conditions tend to be better for elder groups with higher levels of education and belonging to families who are better off.

Keywords: Youngster. Labor Market. Unemployment. Occupation. Income.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a inserção de adolescentes e jovens no mercado de trabalho tem apresentado mudanças em função das transformações observadas no mundo do trabalho e da implementação de políticas públicas — incluindo-se o Estatuto da Criança e do Adolescente¹ — no ciclo de vida das pessoas e nos seus arranjos familiares.

Ao longo dos últimos 30 anos, com a contínua desaceleração do ritmo de crescimento populacional, a estrutura etária da população brasileira mudou significativamente, bem como a da Região Metropolitana de São Paulo. O resultado desse processo foi o decréscimo da participação de pessoas com 14 anos ou menos e o aumento da proporção daquelas com 60 anos ou mais².

As pessoas na faixa etária de 25 a 29 anos, entretanto, ainda apresentam a maior participação na pirâmide etária da Região Metropolitana de São Paulo, e aquelas nas faixas de 15 a 24 anos têm importante peso nessa estrutura.

É nesta fase de transição para a vida adulta — para uma vida produtiva e remunerada e/ou de maiores responsabilidades familiares — que parte dos jovens procura investir na educação formal, na formação e qualificação profissional, prolongando a vida escolar e adiando o ingresso ao mundo do trabalho, o que provavelmente irá influir no tipo de inserção profissional — que costuma ser mais vulnerável quando o ingresso acontece precocemente.

A entrada e a permanência desses jovens no mercado de trabalho dependem da decisão pessoal e da articulação interna da família, levando-se em conta as perspectivas em relação ao contexto econômico e seus impactos na dinâmica do mercado de trabalho. Evidentemente que em uma condição socioeconômica e cultural mais desfavorecida da

família, o jovem, menos protegido, tenderá a assumir simultaneamente trabalho e estudos, com forte apelo para o abandono dos estudos num segundo momento, possivelmente em decorrência da sobreposição de tempo e responsabilidade.

Com base em tais considerações, o objetivo deste estudo é analisar como ocorre, no período recente, a inserção dos jovens no mercado de trabalho em relação a algumas características pessoais (sexo, raça/cor, escolaridade e posição no domicílio) e da família (tais como condições de atividade do jovem de acordo com a situação socioeconômica da família, utilizando-se como proxy grupos de rendimento médio familiar per capita e indicadores sobre os jovens segundo o nível de escolaridade do chefe da família).

As informações aqui utilizadas, obtidas pela Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de São Paulo, referem-se ao biênio 2007-2008, considerando-se jovens aqueles com 16 a 29 anos. Tomou-se como faixa etária central para este estudo aquela que compreende as idades de 16 a 24 anos. O limite superior de 24 anos está em consonância com a definição de população jovem (15 a 24 anos) estabelecida pela Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) de 1985. Aos 24 anos espera-se que o indivíduo seja capaz de atuar de forma mais qualificada no mundo do trabalho a partir da conclusão do estudo formal. Da perspectiva do mercado de trabalho, o limite inferior de 16 anos obedece à idade mínima legal para o exercício do trabalho remunerado, de acordo com a legislação brasileira³. Sabe-se que, independentemente da legislação, parte dos jovens com idade abaixo dos 16 anos encontra-se no mercado de trabalho de forma irregular. Entretanto, informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego mostram que é decrescente essa participação: entre 1995 e 2008, por exemplo, a taxa de participação de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos passou de 10,9% para 4,4%⁴.

¹ Legislação de 1990 que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. O ECA considera crianças aquelas com até 12 anos de idade incompletos, e adolescentes aqueles entre 12 e 18 anos de idade ou, excepcionalmente, até 21 anos.

² Para mais informações sobre população no estado de São Paulo e na Região Metropolitana de São Paulo, ver: www.seade.gov.br.

³ Admitem-se aqueles com 14 e 15 anos apenas para o trabalho como aprendiz.

⁴ Esta e outras informações encontram-se no endereço da Fundação Seade na internet: www.seade.gov.br.

Considerados fatores como a heterogeneidade entre os jovens e a crescente complexidade dos processos de transição ao longo do ciclo de vida (devido, como já mencionado, a alterações no mercado de trabalho e nos arranjos familiares e ao prolongamento da expectativa de vida média das pessoas), optou-se por analisar subgrupos no interior da faixa etária de 16 a 24 anos, de forma a distinguir situações bastante diferenciadas entre estes jovens.

Além destes, fará parte da análise o grupo de indivíduos de 25 a 29 anos de idade, tomando-se como base vários estudos que apontam o prolongamento da convivência familiar como resultado do adiamento da saída desses jovens da casa da família de origem⁵ — fenômeno urbano das camadas média e alta da população —, e pelo fato de a atual política nacional para a juventude definir, em alguns programas, a faixa de 15 a 29 anos como público-alvo de sua atuação. Oportunamente será mostrada uma situação bem distinta deste grupo no mercado de trabalho em relação aos mais jovens.

Além desta apresentação, o presente trabalho foi estruturado em mais cinco seções, que tratam da caracterização dos jovens na população em idade ativa (inativos e economicamente ativos), dos que estão no desemprego e dos que estão ocupados, dos rendimentos do trabalho destes jovens e de sua família e de breves considerações finais.

CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS NA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA

No biênio 2007-2008, 53,5% das famílias na RMSPP possuíam, pelo menos, uma pessoa com idade de 16 a 29 anos, em escala crescente segundo seus subgrupos, como se pode observar na Tabela 1. Embora os indivíduos na faixa de 16 a 18 anos representem a menor parcela (59,1%) na população economicamente ativa (PEA), é deles a maior proporção

⁵ Sobre "moratória social" ou "prolongamento da juventude" ver, entre outros, textos do Conselho Nacional de Juventude; IPEA; Madeira, Felícia R. (2006); Margulis e Urresti (1996) e Galland (1996).

Tabela 1
Proporção de famílias, segundo faixas etárias de seus componentes
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008

Faixa etária	Proporção (em %)
Total de famílias (1)	-
16 a 29 anos	53,5
16 a 24 anos	37,0
16 a 18 anos	14,7
19 a 21 anos	15,3
22 a 24 anos	16,5
25 a 29 anos	25,2
30 anos e mais	88,6

Fonte: SEP, Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

(1) Famílias com pelo menos uma pessoa na faixa etária selecionada em relação ao total de famílias. Uma mesma família pode ser contabilizada em mais de uma faixa etária.

de desemprego (24,8%) em relação aos demais grupos. Esta situação se inverte, com maior participação na PEA e menor no desemprego, à medida que se avançam as faixas etárias (Tabela 2). Tais informações refletem a tendência de menor pressão exercida pelos mais jovens no mercado de trabalho, bem como, quando esta ocorre, da sua maior dificuldade em encontrar um trabalho.

As mulheres tendem a representar pouco mais da metade da população em idade ativa (PIA), na comparação com os homens, exceto entre os mais jovens (16 a 18 anos), que são igualmente representados por ambos os sexos (Tabela 3). Os não negros — refletindo o perfil da população total — são maioria em todos os grupos etários, em proporções crescentes que vão de 59,5%, entre os de 16 a 18 anos, a 63,2%, entre aqueles com 25 a 29 anos. Como esperado, são crescentes as participações de jovens na PIA como chefes de domicílio ou cônjuges conforme aumenta a faixa etária, invertendo-se a situação no caso de jovens na posição de filhos, na qual se encontram 84,8% de indivíduos com 16 a 18 anos de idade e apenas 35,4% daqueles com 25 a 29 anos.

O nível de escolaridade destes jovens, de modo geral, condiz com sua idade, ao se observar maior concentração daqueles com 16 a 18 anos no ensino fundamental completo ou médio incompleto

Tabela 2
Distribuição da população em idade ativa, por condição de atividade, segundo faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008

(%)

Faixa etária	População em Idade Ativa						
	Total	População Economicamente Ativa					Inativos
		Total	Ocupado	Desempregado			
			Total	Aberto	Oculto		
Total (1)	100,0	63,3	54,4	8,9	6,1	2,8	36,7
16 a 29 anos	100,0	80,6	63,5	17,1	12,8	4,3	19,4
16 a 24 anos	100,0	77,1	56,9	20,2	15,4	4,7	22,9
16 a 18 anos	100,0	59,1	34,4	24,8	19,6	5,2	40,9
19 a 21 anos	100,0	84,1	62,7	21,4	16,2	5,2	15,9
22 a 24 anos	100,0	86,3	71,2	15,1	11,1	4,0	13,7
25 a 29 anos	100,0	86,6	74,8	11,9	8,2	3,6	13,4
30 anos e mais	100,0	65,6	59,8	5,8	3,4	2,4	34,4

Fonte: SEP, Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).
(1) População de 10 anos e mais.

Tabela 3
Distribuição da população em idade ativa, por sexo, raça/cor e posição no domicílio, segundo faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008

(%)

Faixa etária	Total	Sexo		Raça/Cor		Posição no domicílio			
		Homens	Mulheres	Negros	Não negros	Chefe	Cônjuge	Filho	Outras
Total (1)	100,0	47,2	52,8	36,1	63,9	36,3	23,7	31,9	8,1
16 a 29 anos	100,0	48,9	51,1	38,1	61,9	15,7	16,7	56,6	11,0
16 a 24 anos	100,0	49,1	50,9	38,9	61,1	8,1	10,7	69,0	12,3
16 a 18 anos	100,0	50,0	50,0	40,5	59,5	(2)	3,1	84,8	11,2
19 a 21 anos	100,0	49,2	50,8	39,0	61,0	6,5	9,6	70,6	13,2
22 a 24 anos	100,0	48,3	51,7	37,5	62,5	15,7	18,1	53,8	12,4
25 a 29 anos	100,0	48,6	51,4	36,8	63,2	28,8	26,9	35,4	8,9
30 anos e mais	100,0	45,6	54,4	33,3	66,7	54,3	32,1	7,4	6,3

Fonte: SEP, Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).
(1) População de 10 anos e mais.
(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

e daqueles inseridos nas demais faixas no ensino médio completo ou superior incompleto (Tabela 4). Mas também há considerável defasagem, como indicam as proporções na tabela, em todas as faixas, no ensino fundamental incompleto. Esta informação, adicionada à de abandono escolar (entre aqueles com 16 a 18 anos, por exemplo, 29,5% não frequentam mais a escola, percentual relativamente alto, mesmo considerando-se que uma pequena parcela já tenha concluído o ensino médio), é forte indicativo de uma inserção no mercado de trabalho mais vulnerável. Entre aqueles na faixa de 25 a 29

anos, 12,0% continuam os estudos e 14,8% possuem o ensino superior completo.

Os estudos, muitas vezes, acontecem simultaneamente ao ingresso no mercado de trabalho — para alguns, por escolha, como meio de qualificação profissional e de aprendizado e independência econômica ou, para outros, por necessidade, quando a condição socioeconômica da família exige tal conciliação. O próprio mercado tem exigido maior escolaridade e experiência profissional, bem como atualização das qualificações. Como era de se esperar, a maior proporção entre os jovens que se dedicam apenas

Tabela 4
Distribuição da população em idade ativa, por nível de instrução e frequência à escola, segundo faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008

(%)

Faixa etária	Total	Nível de instrução					Frequência à escola	
		Analfabeto	Fundamental incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo	Frequenta	Não frequenta
Total (1)	100,0	3,8	37,1	18,3	31,1	9,8	22,4	77,6
16 a 29 anos	100,0	0,8	13,4	26,2	52,0	7,6	28,9	71,1
16 a 24 anos	100,0	0,7	11,2	32,8	52,0	3,4	38,9	61,1
16 a 18 anos	100,0	(2)	14,3	62,9	22,1	(2)	70,5	29,5
19 a 21 anos	100,0	(2)	8,8	22,2	67,3	1,0	29,7	70,3
22 a 24 anos	100,0	(2)	10,7	16,3	63,9	8,4	19,9	80,1
25 a 29 anos	100,0	0,9	17,2	15,0	52,1	14,8	12,0	88,0
30 anos e mais	100,0	5,9	39,7	15,0	26,4	12,9	3,8	96,2

Fonte: SEP, Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).
(1) População de 10 anos e mais.
(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

aos estudos (33,6%) está entre aqueles com 16 a 18 anos e a menor (1,3%) entre os de 25 a 29 anos (Tabela 5). No entanto, é bastante alto o percentual dos jovens de 16 a 18 anos que estudam e trabalham (20,4%) ou estudam e estão desempregados (16,6%). Mesmo não sendo suficiente, dada a complexidade e o tamanho da população, é importante mencionar a atuação de políticas de proteção às famílias com crianças e adolescentes, como forma de mantê-los na escola, condicionando o acesso aos benefícios (transferência de renda, realização de cursos etc.) à frequência escolar.

Na tentativa de classificar as famílias dos jovens segundo condição socioeconômica, com os dados da PED, que capta essencialmente os rendimentos do trabalho (trabalho principal, adicional, ocasional, pensões, aposentadorias e seguro-desemprego), foram somados todos esses rendimentos recebidos por todos os membros da família (desde que tenham 10 anos de idade ou mais) e calculado o rendimento médio familiar per capita (ficou fora do cálculo, portanto, a renda advinda de aluguéis, aplicações financeiras etc.). Foram, então, divididas as famílias em quatro grupos, representados, cada um, por 25% do total de famílias, sendo o Grupo 1 o de menores rendimentos, aumentando sucessivamente até o Grupo

4 com os 25% de maiores rendimentos. A condição de atividade dos jovens (se estuda, se trabalha e estuda, se estuda e está desempregado, se apenas trabalha, se apenas está desempregado ou se apenas cuida dos afazeres domésticos) foi relacionada com tais grupos de rendimentos, de modo a observar com qual intensidade a diferença de inserção em famílias mais pobres ou mais ricas influencia a situação dos jovens dentro ou fora do mercado de trabalho.

Ao se observar as condições de atividade dos jovens por grupos de rendimento médio familiar per capita, pode-se destacar a do grupo de jovens de 16 a 18 anos mais pobres (Grupo 1). Em uma família em condição socioeconômica mais desfavorecida, estes jovens tentarão assumir simultaneamente trabalho e estudos, mas — entre as faixas etárias analisadas — são os que menos conseguem, pois ficam, principalmente, no desemprego. Estes jovens apresentam proporção mais baixa, em comparação ao Grupo 4, na situação de estudantes — sem procura ou exercício de trabalho (32,9% e 47,5%, respectivamente), 11,9% na condição de estudante e trabalhador (menor proporção entre os demais grupos de rendimento para esta faixa etária), 20,7% como estudantes e desempregados e 13,0% como desempregados —, este o maior percentual nesta faixa etária.

Tabela 5
Distribuição da população em idade ativa por condição de atividade, segundo grupo de rendimento médio familiar per capita e faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008

Faixa etária	Total	Condição de atividade						
		Só estuda	Estuda e trabalha	Estuda e está desempregado	Só trabalha	Só está desempregado	Só cuida dos afazeres domésticos	Outros
Total (1)	100,0	13,8	6,4	2,2	48,0	6,7	10,0	12,9
16 a 29 anos	100,0	8,9	14,4	5,6	49,1	11,5	6,1	4,4
16 a 24 anos	100,0	13,4	17,5	8,0	39,4	12,2	4,9	4,6
16 a 18 anos	100,0	33,6	20,4	16,6	14,0	8,2	2,6	4,6
19 a 21 anos	100,0	5,8	17,8	6,1	44,9	15,3	5,4	4,8
22 a 24 anos	100,0	2,8	14,7	2,3	56,5	12,7	6,5	4,4
25 a 29 anos	100,0	1,3	9,2	1,6	65,6	10,3	8,0	4,1
30 anos e mais	100,0	0,6	2,8	0,3	57,0	5,5	14,0	19,7
Grupo 1	100,0	23,3	3,1	3,8	29,7	14,4	13,6	12,1
16 a 29 anos	100,0	10,9	5,6	8,5	30,1	23,5	13,1	8,3
16 a 24 anos	100,0	15,7	7,1	11,7	23,3	23,4	10,3	8,4
16 a 18 anos	100,0	32,9	11,9	20,7	9,5	13,0	4,6	7,5
19 a 21 anos	100,0	(2)	(2)	8,0	28,2	31,3	11,9	10,2
22 a 24 anos	100,0	(2)	(2)	(2)	36,6	29,2	16,2	7,7
25 a 29 anos	100,0	(2)	(2)	(2)	43,1	23,6	18,4	8,0
30 anos e mais	100,0	1,1	1,7	0,8	42,6	14,9	19,8	19,2
Grupo 2	100,0	15,3	4,9	2,7	43,8	7,8	10,7	14,8
16 a 29 anos	100,0	7,6	10,2	6,7	49,5	13,4	8,0	4,7
16 a 24 anos	100,0	11,1	13,0	9,3	40,7	14,3	6,8	4,7
16 a 18 anos	100,0	28,2	20,2	19,5	14,3	9,8	(2)	(2)
19 a 21 anos	100,0	(2)	11,3	5,5	50,2	18,5	7,4	(2)
22 a 24 anos	100,0	(2)	7,3	(2)	58,6	14,8	9,9	5,7
25 a 29 anos	100,0	(2)	5,0	(2)	65,5	11,7	10,2	4,7
30 anos e mais	100,0	(2)	2,3	(2)	51,4	6,6	14,8	23,8
Grupo 3	100,0	10,1	7,1	1,8	54,1	4,7	9,1	13,2
16 a 29 anos	100,0	6,3	15,5	4,2	59,7	7,6	3,8	3,0
16 a 24 anos	100,0	9,3	18,8	5,8	52,1	8,2	2,9	2,8
16 a 18 anos	100,0	27,7	28,1	13,7	19,3	6,4	(2)	(2)
19 a 21 anos	100,0	(2)	17,3	(2)	58,8	9,7	(2)	(2)
22 a 24 anos	100,0	(2)	13,8	(2)	68,9	8,2	(2)	(2)
25 a 29 anos	100,0	(2)	9,7	(2)	72,8	6,4	5,2	3,4
30 anos e mais	100,0	(2)	2,9	(2)	58,7	3,7	13,3	20,6
Grupo 4	100,0	8,7	9,2	1,3	58,4	2,4	7,3	12,7
16 a 29 anos	100,0	10,2	23,8	4,2	53,7	4,2	2,0	1,9
16 a 24 anos	100,0	17,3	30,0	6,3	38,4	4,5	(2)	(2)
16 a 18 anos	100,0	47,5	22,4	11,2	12,5	(2)	(2)	(2)
19 a 21 anos	100,0	12,6	35,3	8,1	35,6	(2)	(2)	(2)
22 a 24 anos	100,0	(2)	30,2	(2)	54,6	(2)	(2)	(2)
25 a 29 anos	100,0	(2)	15,9	(2)	73,1	3,9	(2)	(2)
30 anos e mais	100,0	(2)	4,1	(2)	65,4	1,9	10,0	18,0

Fonte: SEP, Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: Os grupos 1 a 4 representam, cada um, 25% das pessoas de 10 anos e mais, por ordem crescente de rendimento médio familiar per capita: Grupo 1 – corresponde aos 25% dos indivíduos com menor rendimento familiar per capita; Grupo 2 – corresponde aos 25% dos indivíduos com rendimento familiar per capita maior que os do grupo 1, porém menor que os do grupo 3; Grupo 3 – corresponde aos 25% dos indivíduos com rendimento familiar per capita maior que os do grupo 2, porém menor que os do grupo 4; Grupo 4 – corresponde aos 25% dos indivíduos com maior rendimento familiar per capita.

(1) População de 10 anos e mais.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Parece que, para estes jovens, a necessidade de aumento do rendimento familiar, dada a elevada proporção daqueles que estão à procura de trabalho, anda junto com a maior dificuldade, em relação aos outros grupos, em conciliar trabalho e estudos. Esta dificuldade pode estar associada não só à falta de experiência (situação válida também para os jovens da mesma faixa etária nos demais grupos de rendimento), como à localização da residência e da escola, possivelmente mais distantes dos locais onde há trabalho (o que dificultaria compatibilizar os horários); à qualidade da ocupação oferecida, para a qual se pode exigir uma jornada de trabalho extensa; à remuneração insuficiente; ao desestímulo diante do número insuficiente de postos de trabalho oferecidos em relação à procura; às exigências cada vez maiores para contratação; e à menor proteção familiar e social, dada sua condição socioeconômica mais desfavorecida, ou seja, pode ser que, especialmente para este jovem, falte uma orientação adequada de como e onde procurar trabalho, entre outras carências típicas entre os mais pobres.

Ainda observando-se o Grupo 1, desta vez em todas as faixas etárias analisadas, nele está a maior parcela de jovens, em relação aos outros grupos de rendimento, que se dedicam exclusivamente aos afazeres domésticos, ou seja, que não estudam nem estão no mercado de trabalho. É provável que grande parte desses jovens seja mulheres, para as quais não só falta perspectiva para enfrentar o mercado, possivelmente em razão de uma baixa qualificação, como pesa mais fortemente a atribuição, culturalmente determinada, dos cuidados com a casa e a família.

A condição socioeconômica da família destes jovens é determinante para o tipo de inserção que terão no mercado de trabalho e o momento da vida em que esta inserção acontece.

A taxa de participação dos jovens — proporção inserida no mercado de trabalho como ocupada ou desempregada — é mais baixa para aqueles com 16

a 18 anos (59,1%), entre os quais há mais indivíduos dedicando-se exclusivamente aos estudos, e fica em torno de 85% para os demais. O nível de escolaridade do chefe da família, entretanto, influencia a presença destes indivíduos no mercado de trabalho, pois as taxas são menores para aqueles cujo chefe é mais instruído e maiores para os menos instruídos. Entre os mais jovens, esta influência é particularmente percebida, pois a taxa de participação chega a 63,7% para os que moram com chefes de família que possuem o ensino fundamental completo ou o médio incompleto e a 34,2%, cujos chefes possuem o superior completo (Gráfico 1).

a 18 anos (59,1%), entre os quais há mais indivíduos dedicando-se exclusivamente aos estudos, e fica em torno de 85% para os demais. O nível de escolaridade do chefe da família, entretanto, influencia a presença destes indivíduos no mercado de trabalho, pois as taxas são menores para aqueles cujo chefe é mais instruído e maiores para os menos instruídos. Entre os mais jovens, esta influência é particularmente percebida, pois a taxa de participação chega a 63,7% para os que moram com chefes de família que possuem o ensino fundamental completo ou o médio incompleto e a 34,2%, cujos chefes possuem o superior completo (Gráfico 1).

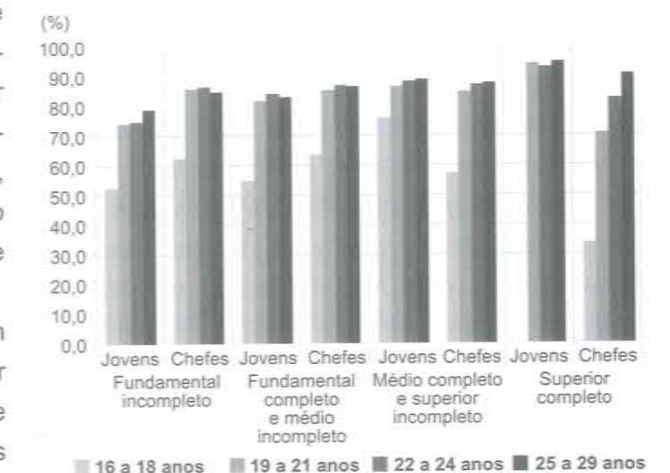


Gráfico 1
Taxas de participação dos jovens nas faixas etárias selecionadas segundo o próprio nível de instrução e o do chefe da família
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008

Fonte: SEP, Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).
Nota: Não se aplica o nível de ensino superior completo para a faixa etária de 16 a 18 anos de idade.

JOVENS DESEMPREGADOS

Como mostra o Gráfico 2, a taxa de desemprego é maior entre os jovens de 16 a 18 anos (41,9%), diminuindo sucessivamente nas demais faixas etárias: 25,5% entre aqueles com 19 a 21 anos, 17,5%

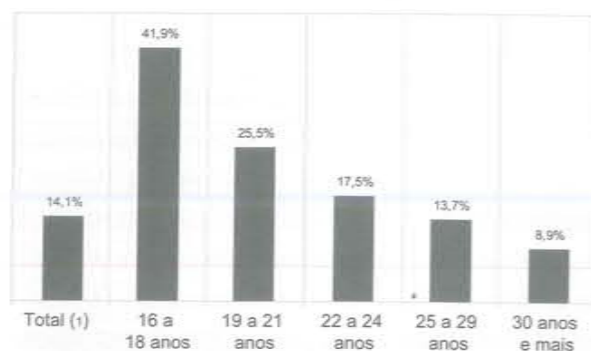


Gráfico 2
Taxas de desemprego segundo faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008

Fonte: SEP, Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

(1) População de 10 anos e mais.

entre os de 22 a 24 anos e 13,7% entre as pessoas de 25 a 29 anos.

Em todos os grupos de idade, o desemprego se agrava entre mulheres, negros, cônjuges (ou filhos, no caso daqueles com 16 a 18 anos), aqueles que tiveram experiência anterior de trabalho e os que têm os menores níveis de instrução.

O desemprego entre os jovens de 16 a 18 anos e os de 25 a 29 anos aumenta no caso dos que frequentam a escola, fato não observado entre os de 19 a 21 anos e os de 22 a 24 anos. Para estes, a taxa de desemprego chega a diminuir entre os que frequentam a escola (Gráfico 3).

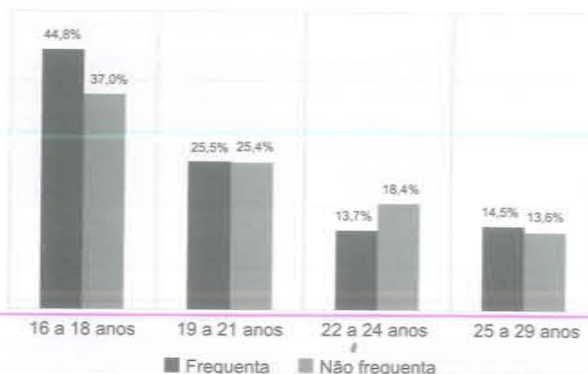


Gráfico 3
Taxas de desemprego por frequência à escola
segundo faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008

Fonte: SEP, Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

(1) População de 10 anos e mais.

JOVENS OCUPADOS

No setor de *Serviços* está a maior parte dos jovens ocupados, independentemente da idade, refletindo a estrutura setorial entre os ocupados em geral. O *Comércio* aparece como o segundo maior empregador de jovens com 16 a 18 anos e 19 a 21 anos, mas é o terceiro no caso daqueles com 22 a 24 anos e 25 a 29 anos, pois, para estes, a *Indústria* tem maior peso. O agregado *Outros setores*, onde se incluem a *Construção civil* e os *Serviços domésticos*, é mais importante para o grupo de maior faixa etária (Tabela 6).

Tabela 6
Distribuição dos ocupados, por setor de atividade,
segundo faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo 2007-2008 (%)

Faixa etária	Total	Indústria	Comércio	Serviços	Outros
Total (1)	100,0	18,9	16,2	53,9	11,0
16 a 29 anos	100,0	20,9	19,0	52,8	7,2
16 a 24 anos	100,0	20,4	20,9	52,6	6,2
16 a 18 anos	100,0	16,4	23,9	53,2	6,5
19 a 21 anos	100,0	21,2	21,9	51,8	5,1
22 a 24 anos	100,0	21,4	18,8	52,9	6,9
25 a 29 anos	100,0	21,5	16,7	53,2	8,6
30 anos e mais	100,0	17,9	14,5	54,6	13,1

Fonte: SEP, Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

(1) População de 10 anos e mais.

Por tipo de inserção ocupacional, encontra-se maior fragilidade — pela restrição de acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários — principalmente entre os mais jovens: 40,9% dos que têm 16 a 18 anos estão no setor privado sem carteira de trabalho assinada, 13,6% são autônomos e 4,1%, trabalhadores domésticos (Tabela 7). Esta situação tende a se atenuar entre os mais velhos, fato associado, principalmente, à experiência de trabalho adquirida e ao nível de escolaridade.

O perfil dos jovens ocupados é, na maioria, do sexo masculino, não negros e filhos, observando-se que, para aqueles com 16 a 18 anos, a diferença entre homens e mulheres e negros e não negros é

Tabela 7
Distribuição dos ocupados, por posição na ocupação, segundo faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008 (%)

Faixa etária	Total	Assalariado					Autônomo	Empregado doméstico	Demais
		Total	Setor privado		Setor público				
			Com carteira	Sem carteira					
Total (1)	100,0	67,1	59,1	46,0	13,1	8,0	18,8	7,9	6,1
16 a 29 anos	100,0	82,4	77,9	58,3	19,7	4,5	10,4	4,5	2,7
16 a 24 anos	100,0	84,9	81,1	56,2	24,9	3,8	9,4	3,7	2,0
16 a 18 anos	100,0	79,1	75,6	34,7	40,9	3,5	13,6	4,1	3,2
19 a 21 anos	100,0	87,7	84,5	59,9	24,6	3,1	8,1	2,9	(2)
22 a 24 anos	100,0	85,2	80,6	62,1	18,5	4,5	8,6	4,2	2,0
25 a 29 anos	100,0	79,2	73,9	61,0	12,9	5,3	11,7	5,5	3,5
30 anos e mais	100,0	59,0	49,0	39,8	9,2	10,0	23,3	9,8	7,9

Fonte: SEP, Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

(1) População de 10 anos e mais.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

ligeiramente menor do que para as demais faixas etárias e, para os de 25 a 29 anos, o percentual de filhos é bastante próximo ao de chefes.

A jornada média de trabalho dos ocupados de 16 a 18 anos é de 37 horas semanais, aumentando para 41 entre aqueles com 19 a 21 anos, 42 horas para os de 22 a 24 anos e 43 horas para os de 25 a 29 anos. A frequência à escola reduz, de modo geral, essa média, sendo um pouco mais acentuada a diferença entre os de 16 a 18 anos que estão estudando — cuja jornada é de 35 horas — e os que

não estão estudando — entre os quais a jornada média de trabalho é de 41 horas (Tabela 8). Entre os jovens de 16 a 29 anos, o *Comércio* é o setor com jornada mais extensa (45 horas), seguido pela *Indústria* (42), *Serviços* (41) e *Outros setores* (40), com pequenas diferenças nesta ordem entre os subgrupos etários analisados.

RENDIMENTOS INDIVIDUAIS E DA FAMÍLIA

O rendimento médio real dos ocupados aumenta conforme a idade e o nível de escolaridade. Esta relação também acontece com os assalariados e os autônomos. Chama a atenção, no entanto, o reduzido patamar do rendimento médio real dos autônomos de 16 a 18 anos (R\$ 261), a maior diferença na comparação com as demais faixas etárias (Tabela 9).

Da perspectiva do nível de instrução do chefe da família, o rendimento médio real familiar per capita também se eleva em praticamente todos os casos, na medida em que aumentam a faixa etária dos jovens e o nível de escolaridade do chefe. A pior situação, portanto, é a do jovem de 16 a 18 anos com chefe de baixa escolaridade (Tabela 10).

A contribuição destes jovens (16 a 18 anos) na massa de rendimento médio familiar per capita é bastante

Tabela 8
Horas semanais trabalhadas pelos ocupados, por frequência à escola, segundo faixa etária
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008 (em horas)

Faixa etária	Ocupados		
	Total	Frequenta escola	Não frequenta escola
Total (1)	42	37	43
16 a 29 anos	42	38	43
16 a 24 anos	41	37	43
16 a 18 anos	37	35	41
19 a 21 anos	41	38	43
22 a 24 anos	42	39	43
25 a 29 anos	43	39	43
30 anos e mais	43	40	43

Fonte: SEP, Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

(1) População de 10 anos e mais.

Tabela 9
Rendimento médio real dos ocupados, assalariados e autônomos, segundo faixa etária Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008 (em reais de maio de 2009)

Faixa etária	Ocupados	Assalariados	Autônomos
Total (1)	1.244	1.307	912
16 a 29 anos	889	917	683
16 a 24 anos	718	746	524
16 a 18 anos	452	498	261
19 a 21 anos	673	693	516
22 a 24 anos	867	891	712
25 a 29 anos	1.116	1.160	857
30 anos e mais	1.456	1.617	990

Fonte: SEP, Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota: Inflator utilizado: ICV do Dieese.

Excluídos os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

(1) População de 10 anos e mais.

baixa: 7,1% do total da massa, diante de 42,5% daqueles com 25 a 29 anos, grande parte destes já compondo sua própria família, como chefes ou cônjuges. Certamente, a contribuição aumenta em uma família mais pobre — 10,6% entre aqueles com 16 a 18 anos e 45,8% entre as pessoas de 25 a 29 anos, ambos no Grupo 1 de rendimentos, conforme Tabela 11.

Tabela 10
Rendimento médio real familiar per capita (1), por nível de instrução do chefe da família, segundo faixa etária Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008 (em reais de maio de 2009)

Faixa etária	Total	Nível de instrução do chefe da família				
		Analfabeto	Fundamental incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo
Total (2)	728	356	454	542	784	2.274
16 a 29 anos	656	325	426	490	705	2.053
16 a 24 anos	600	308	406	473	674	1.831
16 a 18 anos	517	(3)	339	418	616	1.664
19 a 21 anos	600	(3)	415	480	686	1.788
22 a 24 anos	673	(3)	472	513	701	2.011
25 a 29 anos	750	365	465	520	748	2.346
30 anos e mais	829	393	508	623	892	2.464

Fonte: SEP, Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

(1) O rendimento familiar total consiste na soma de rendimentos de aposentadorias ou pensões, do trabalho principal e adicional (só de ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro desemprego (só de desempregados e de inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. O tamanho da família é o total de indivíduos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. O rendimento familiar per capita corresponde ao rendimento familiar total dividido pelo tamanho da família.

Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) População de 10 anos e mais.

(3) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Tabela 11
Proporção do rendimento médio real dos ocupados na massa de rendimento médio familiar per capita, por grupos de rendimento, segundo faixa etária Região Metropolitana de São Paulo – 2007-2008 (%)

Faixa etária	Total	Grupos de rendimento			
		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
Total (1)	81,4	79,9	77,8	79,9	82,9
16 a 29 anos	37,4	39,4	42,9	43,2	33,6
16 a 24 anos	24,4	27,6	30,0	31,7	19,7
16 a 18 anos	7,1	10,6	10,3	10,5	4,7
19 a 21 anos	19,2	25,3	27,2	25,4	13,8
22 a 24 anos	29,1	34,3	34,6	34,8	24,4
25 a 29 anos	42,5	45,8	45,9	44,7	40,5
30 anos e mais	66,5	62,9	57,9	59,4	71,1

Fonte: SEP, Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

Nota 1: O rendimento familiar total consiste na soma de rendimentos de aposentadorias ou pensões, do trabalho principal e adicional (só de ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro desemprego (só de desempregados e de inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. O tamanho da família é o total de indivíduos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. O rendimento familiar per capita corresponde ao rendimento familiar total dividido pelo número de pessoas da família.

Nota 2: Os grupos 1 a 4 representam, cada um, 25% das pessoas de 10 anos e mais, por ordem crescente de rendimento médio familiar per capita: Grupo 1 – corresponde aos 25% dos indivíduos com menor rendimento familiar per capita; Grupo 2 – corresponde aos 25% dos indivíduos com rendimento familiar per capita maior que os do grupo 1, porém menor que os do grupo 3; Grupo 3 – corresponde aos 25% dos indivíduos com rendimento familiar per capita maior que os do grupo 2, porém menor que os do grupo 4; Grupo 4 – corresponde aos 25% dos indivíduos com maior rendimento familiar per capita.

Nota 3: As informações por faixa etária dos indivíduos referem-se às suas próprias (ocupados) e de suas famílias. Sendo assim, excluem as famílias que não tem indivíduos na respectiva faixa etária.

(1) Inclusive os indivíduos de 10 a 15 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações aqui apresentadas confirmam as situações bastante diferenciadas entre os jovens, principalmente entre dois extremos de faixas etárias: aqueles com 16 a 18 anos (cujas características, a partir dos indicadores aqui analisados, aproximam-se um pouco mais às daqueles com 19 a 21 anos) e os indivíduos com 25 a 29 anos (cujo grupo ao qual mais se assemelha é o de jovens de 22 a 24 anos).

Para os mais velhos, a situação no mercado de trabalho é mais favorável, diante do nível de escolaridade maior (inclusive em relação aos indivíduos com 30 anos e mais), assim como sua responsabilidade no domicílio como provedor (há uma grande parcela cuja posição no domicílio é a de chefe ou cônjuge). Para o grupo mais jovem se apresenta o quadro clássico de taxas de desemprego extremamente elevadas e, quando ocupados, sua inserção se apresenta mais frágil, o que tradicionalmente é associado à falta de experiência e a um mercado de trabalho cada vez mais exigente. O avançar da idade e do nível de escolaridade, assim como uma condição socioeconômica da família mais favorável, exerce importante influência na inserção laboral destes jovens, atenuando o desemprego e melhorando a qualidade da ocupação. Merecem atenção especial, portanto, os jovens de 16 a 18 anos, principalmente aqueles de famílias mais pobres, que, a princípio, necessitam de um trabalho, mas têm dificuldades em obtê-lo e, quando conseguem, geralmente se inserem nas ocupações mais precárias e de rendimentos mais baixos.

Este é um grupo, portanto, que merece um estudo mais específico, que enfatize a problemática da escola, uma vez que a situação mais adequada seria a de dedicação exclusiva destes jovens aos estudos, pois mesmo a conciliação entre estudo e trabalho, principalmente para os mais jovens, parece não ocorrer harmoniosamente,

comprometendo a frequência e a qualidade do aprendizado. Esta é uma questão central, pois uma menor qualificação (ou sua ausência) comprometerá, ao longo da vida, a trajetória deste indivíduo no mercado de trabalho e talvez também a da família que irá formar (lembrar os dados que relacionam os jovens ao nível de instrução dos chefes de família). Alcançar o nível de escolaridade adequado é especialmente importante por ampliar oportunidades de melhor inserção no mercado de trabalho e maiores rendimentos. Proporcionar aumento do nível de instrução e, se possível, em uma escola pública mais atraente, oferecendo maior proteção econômica e social a partir de políticas públicas eficientes para a juventude, vinculadas à educação, fará toda a diferença para que a sua inserção no mercado de trabalho seja mais bem sucedida. Tendo em vista a Agenda Nacional do Trabalho Decente e a mudança na estrutura da pirâmide etária, políticas públicas que visem manter os mais jovens por mais tempo na escola podem proporcionar, no futuro, melhores oportunidades de integração ao mercado de trabalho e patamares mais elevados de qualificação dos trabalhadores brasileiros.

REFERÊNCIAS

- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. *Trajetórias da juventude nos mercados de trabalho metropolitanos – Mudanças na inserção entre 1998 e 2007*. São Paulo: DIEESE, 2008.
- COSTANZI, Rogério Nagamine. *Trabalho decente e juventude no Brasil*. Brasília: OIT, 2009.
- OIT. *Trabalho decente e juventude*. América Latina. Brasília, 2007.
- GALLAND, Olivier. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1997.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. *Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais*. In: _____. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p.171-197.

OS JOVENS E SEUS DESAFIOS NO MERCADO DE TRABALHO

MADEIRA, Felícia Reicher. Educação e desigualdade no tempo de juventude. In: _____ (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p.139-169.

MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que una palabra* – ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996.

CARDOSO, José Celso; GONZÁLES, Roberto. Desemprego juvenil e políticas de trabalho e renda no Brasil: a experiência recente dos Consórcios Sociais da Juventude. *Inclusão Social*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 30-46, out.2006/mar.2007.

POCHMANN, Marcio. *Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil: um balanço dos últimos 10 anos*. São Paulo, 2007. Mimeo.

A autora agradece a colaboração da equipe técnica da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de São Paulo, sobretudo às estatísticas Edna Y. Taira e Sílvia Mancini, ao coordenador de análise Alexandre J. Loloian e às analistas Marcia H. Guerra e Ana Yara Paulino.

Artigo recebido em 29 de abril de 2010
e aprovado em 4 de agosto de 2010.